**REALISMO, NATURALISMO**

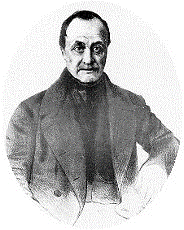
**CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS**

****

Se o Romantismo é o movimento artístico-filosófico que coloca, no âmbi- to da cultura e da sociedade, os princípios que emergem com a ascensão da burguesia ao poder, o Realismo e o Naturalismo, por sua vez, já na segunda metade do século XIX, são motivados, sobretudo, pelas contradições, tensões e conflitos sociais gera- dos a partir da consolidação da burguesia como classe dominante, que encontra na exploração desmedida do proletariado sua forma de enriquecimento. A sociedade europeia de fins do século XIX é caracterizada pelos impactos da liberação das forças produtivas – e, consequentemente, da intensificação da exploração da mão de obra operária –, alcançada, especialmente, por meio da **Revolução Industrial**, o que, de algum modo, possibilitou que se tornassem marcas desse período as lutas sociais e a efervescência do debate político, principalmente aquele que se vincula ao socialismo, bem como o progresso científico e os avanços tecnológicos, como, por exemplo, o uso da eletricidade, do aço e o desenvolvimento dos sistemas de comunicação.

O **Realismo**, como movimento literário surgido na frança, o qual en- controu seus impulsos iniciais na publicação de *Madame Bovary* (1857), de Gustave flaubert (1821-1880), é uma espécie de literatura que coloca em cena a vida cotidiana burguesa, em sua trivialidade, hipocrisia e desajustes, sem o heroísmo que distingue os protagonistas românticos. Para tanto, o narrador realista assumiria um ponto de vista que se pretende objetivo, neutro e totalizante, frente à matéria nar- rada. Nesses termos, buscava-se, nos romances, reproduzir a realidade sociocultural com a fidelidade alcançada por uma fotografia, de modo a enfatizar os costumes, as relações sociais e a degradação de determinadas instituições sociais, como, por exem- plo, a família ou a Igreja.

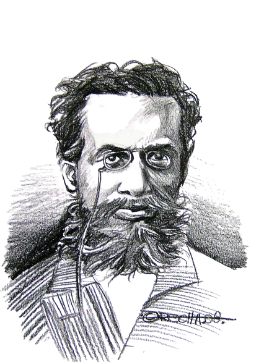
O **Naturalismo**, cujas origens foram igualmente traçadas em território francês, sob a influência de Émile Zola (1840-1902), sobretudo desde a publicação de *Thérèse Raquin* (1867), é considerado como o movimento literário que intensifi- cou as propostas estético-ideológicas do Realismo, de maneira que, por exemplo, a banalidade da vida humana, no Naturalismo, é representada, sob muitos aspectos, a partir de grupos social e culturalmente marginalizados, por meio da animalidade, crueza, excessos e processos de rebaixamento. Ademais, a ânsia por uma representa- ção da realidade referencial que fosse translúcida motivava que se buscasse na ciência a postura modular a ser assumida pelo escritor, em seu processo criativo.

O movimento naturalista procurou estabelecer forte diálogo com as correntes científicas que estavam em voga no século XIX, principalmente com o **Positivismo**, criado por Augusto Comte, o qual defende que a única forma verdadei- ramente válida de conhecer o mundo é por meio do conhecimento científico, obtido por um método científico coerente; com o **Determinismo**, de Hippolyte Taine, para quem o caráter e o comportamento humano são condicionados pelo meio, raça e momento histórico; e com o **Evolucionismo**, de Charles Darwin, o qual afirma que o meio natural seleciona, entre os seres vivos, as características que permitem uma maior adaptação ao próprio meio e, consequentemente, favoreceria a sobrevivência de determinada espécie.

No Brasil, os dois escritores de fins do século XIX que poderiam ser classi- ficados como realistas são **Machado de Assis** (1839-1908) e **Raul Pompeia** (1863- 1895), autor de *O Ateneu* (1888), porque seus romances elaboram literariamente a realidade sociocultural, de sorte a se resignar – por vezes, até mesmo ironizar – frente às fantasias, idealizações e distorções românticas. Contudo, basta uma rápida leitura de seus romances para observar que o conceito de Realismo apresentado acima não condiz plenamente com a obra desses dois romancistas, sobretudo porque ambos fogem da perspectiva de um narrador que busca se distanciar dos fatos narrados em prol da precisão, plenitude e imparcialidade do que narra e descreve.

Já o Naturalismo brasileiro, embora fosse uma escola literária com cur- ta duração, em nossa literatura, mostrou-se bem diversificado, com romances que representam desde precariedades sociais, no ambiente urbano, como a complicada situação das habitações coletivas – *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo (1857-1913)

–, passando por problemas sociais que dizem respeito a uma determinada região do país, como as implicações da seca no Nordeste – *A fome* (1890), de Rodolfo Teófilo (1863-1932) –, até o estudo do temperamento de personagens femininas entregues às paixões da carne – *Dona Guidinha do poço* (1892-1952), de Manuel de Oliveira Paiva (1861-1892). Por vezes, o Naturalismo brasileiro se afastou das propostas do Naturalismo europeu, principalmente com a acentuada presença de traços próprios do Romantismo, em alguns romances, como, por exemplo, a permanência da con- cepção de amor romântico, bem como a construção de personagens com tons he- roicos, conforme se pode verificar em algumas passagens de *Bom-crioulo* (1895), de Adolfo Caminha (1867-1897), romance que trata das relações homoeróticas e inter-raciais em ambiente militar, entre Amaro e Aleixo.

**AUTORES E OBRAS**

**MACHADO DE ASSIS**

Podem-se notar na obra de Machado de Assis, especialmente no romance, dois momentos de sua produção literária: uma fase em que o escritor está mais pró- ximo dos princípios do Romantismo, como, por exemplo, em *Ressureição* (1872), *A mão e a luva* (1874) e *Helena* (1876), e outra fase na qual o Realismo emerge em pri- meiro plano, como, a título de exemplificação, em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), e *Dom Casmurro* (1899), romances que constituem a chamada trilogia realista machadiana.

Machado de Assis entrelaça, em suas narrativas, a investigação psicológica do caráter e do comportamento humano, em sua dimensão mais particular, íntima e subjetiva, com a observação, sempre crítica, dos aspectos sociais, principalmente no que diz respeito à degradação dos valores éticos e morais, através de um cinismo que deixa entrever certa melancolia e, por isso mesmo, encontra na ironia um meio de expressão válido para suas representações, figura de pensamento que Machado, de modo muito refinado, soube explorar com genialidade.

*Memórias póstumas de Brás Cubas*, seu romance que inaugura o Realismo, como movimento literário, no Brasil, é a autobiografia de Brás Cubas, porém, escrita por ele na condição de “defunto-autor”, isto é, de alguém que, estando morto, come- ça a escrever suas memórias, das quais podemos destacar seu envolvimento amoroso com Marcela, Eugênia e Virgília, a amizade com o filósofo Quincas Borba, persona- gem do seu romance homônimo, e o planejamento da invenção do emplasto Brás Cubas, medicamento que curaria todas as doenças. Para além de ser um narrador em primeira pessoa, o que faz com que o narrador esteja implicado na matéria narrativa, o fato de escrever suas memórias após a sua morte, a presença marcante de ironia e os experimentalismos de linguagem, com ênfase na exploração de recursos gráficos, problematizam, nesse romance machadiano, o conceito de Realismo que busca a objetividade na narração.

**ALUÍSIO AZEVEDO**

Aluísio Azevedo, um dos principais escritores do movimento naturalis- ta brasileiro, ainda que apresente certas particularidades, pôde se aproximar das propostas estético-ideológicas do

Naturalismo europeu, em especial, da obra do francês Émile Zola e do português Eça de Queirós, o que se observa principalmente em seus ro- mances mais bem realizados, como, por exemplo, *O mulato* (1881), considerado o primeiro romance

Pense nisso: Realismo ou Pré-modernismo?: a narra- tiva do início do século XX

Alfredo Bosi (2006) classifica a prosa brasileira das primeiras décadas do século XX como pré-mo- dernista, por reconhecer nela certos traços que já anunciariam o que o Modernismo de 1922 pro- poria mais tarde. Contudo, mais do que esses as- pectos pré-modernistas, a obra de escritores como Monteiro Lobato (1882-1948), Euclides da Cunha (1866-1909) e Lima Barreto (1881-1922) colocam para a literatura brasileira um novo momento do realismo, não mais como Machado de Assis e Raul Pompeia o fizeram, mas buscando outras formas de colocar o real em cena, porém, cada romancista a seu modo: Monteiro Lobato, com tendências re- gionalistas, como, por exemplo, em Urupês (1918), Euclides da Cunha, com uma escrita entre o jor- nalismo, a ciência e a literatura, sobretudo em Os sertões (1902), Lima Barreto, com uma forte críti- ca social, cuja obra-prima é Triste fim de Policarpo Quaresma (1911).

aos moldes naturalistas da literatura brasileira, *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890), sua obra-prima, em que Aluísio Azevedo se distanciou do melodrama folhetinesco, elemen- to que, sob muitos aspectos, marca sua produção literária, de maneira que podemos percebê-lo até mesmo nos dois primeiros romances citados anteriormente.

Em *O cortiço*, temos o pro- cesso de enriquecimento do portu- guês João Romão, dono de uma ven-

da, um cortiço e uma pedreira, o qual não mede esforços para ascender socialmente e equiparar-se aos Miranda, família vizinha de grande riqueza e prestígio. Ao eixo central do romance, que se refere às artimanhas de João Romão para enriquecer, entrelaça-se a narração da vida cotidiana dos moradores do cortiço, de modo a evi- denciar literariamente os aspectos instintivos, animalescos e rudes que constituem as vivências desses personagens, como, por exemplo, a sedução da mulata Rita Baiana sobre o português Jerônimo, que o leva a deixar sua esposa Piedade, também portu- guesa, para se relacionar com Rita Baiana, em que o encanto sexual despertado pelo gingado da brasileira se sobrepõe aos compromissos sociais do casamento.

**ATIVIDADES**

**1. Leia o seguinte excerto de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:**

Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes. (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p.120.)

Na passagem citada, a substituição da máxima pascalina de que o homem é um caniço pensante pelo enunciado “o homem é uma errata pensante” significa

1. a realização da contabilidade dos erros acumulados na vida porque, em última instância, não há “edição definitiva”.
2. a tomada de consciência do caráter provisório da existência humana, levando à celebração de cada instante vivido.
3. a tomada de consciência do caráter provisório da existência humana e a percepção de que esta é passível de correção.
4. a ausência de sentido em “cada estação da vida”, já que a morte espera o homem em sua “edição definitiva”.

**RESPOSTA: C**

2. Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza; mas, de repente, do firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urti- gas bravas. E seguiram-se outras notas, e outras, cada vez mais ardentes e mais delirantes. Já não eram dois instrumentos que soavam, eram lúbricos gemidos e suspiros soltos em torrente, a correrem eram ais convulsos, chorados em frenesi de amor: música feita de beijos e soluços gostosos; carícia de fera, carícia de doer, fazendo estalar de gozo.

AZEVEDO, A. **O Cortiço**. São Paulo: Ática, 1983 (fragmento).

No romance *O cortiço* (1890), de Aluízio Azevedo, as personagens são observadas como elementos coletivos caracterizados por condicionantes de origem social, sexo e etnia. Na passagem transcrita, o confronto entre brasileiros e portugueses revela prevalência do elemento brasileiro, pois

1. destaca o nome de personagens brasileiras e omite o de personagens portuguesas.
2. exalta a força do cenário natural brasileiro e considera o do português inexpressivo.
3. mostra o poder envolvente da música brasileira, que cala o fado português.
4. destaca o sentimentalismo brasileiro, contrário à tristeza dos portugueses.
5. atribui aos brasileiros uma habilidade maior com instrumentos musicais.

**RESPOSTA: C**

**SUGESTÕES CULTURAIS**

**FILME** *Poderosa Afrodite*, de Woody Allen (1995). filme *Cidade de Deus*, de fernando Meirelles (2002).

**FILME** *O Cheiro do ralo*, de Heitor Dhalia (2007). Música *Cotidiano*, de Chico Buarque (1971).

**PINTURA** *O violeiro*, de Almeida Júnior (1899).

**PINTURA** *Indolência e Sensualidade* ou *Mulheres dormindo*, de Gustave Courbet (1866).

**REFERÊNCIAS**

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968. v. 3.

PELLEGRINI, Tânia. Realismo: postura e método. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 137-155, dez. 2007.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 11. ed. Porto: Porto Editora, 1955.

SODRÉ, Nelson Werneck Sodré. *História da literatura brasileira*: seus fundamentos econômicos. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

SODRÉ, Nelson Werneck Sodré. *O naturalismo no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*: de Bento Teixeira, 1601 a Machado de Assis, 1908. 4. ed. Brasília, Df: Ed. Universidade de Brasília, 1963